

178



LEANDRO BOMES DE BARROS

Um Pau com Formigas

O auctor
reserva o direito de propri-
edade



A venda na
Rua do Alecrim 38—E e Rua
Nova, 9



Papelaria Recife

Rua Barão da Victoria n. 9

ERNESTO CHAGAS

Livraria, Papelaria, Typographia, Encaderna-
ção e Pautação

Especialidade em trabalhos typographi-
cos, como sejam:

Cartões de visita, Participações
Convites, Facturas,

Memoranduns, etc. Impressões a côres
com esmerado gosto artistico

Completo sortimento de Livros em branco
e de instrução

artigos escolares, religiosos e para

Desenho, objectos para presentes. Per-
fumarias do afamado fabricante

"COTY"

Unica agencia geral
dos Clubs da casa Abilio do Rio de Janeiro
SORTEIOS SEMANAES DE

Bycicletas "Royal" Automoveis "Micle"
e "Mez" Machinas de escrever
"Ideal" "Wellington"

"Torpedo Piannos: Autos-Piannos,
Vibradores electri-

cos e o utilissimo Filtro Fiel

Vende-se os mesmos artigos a prestações

Rachel Almeida de L. Lima

8-1-912

UM PAU COM FORMIGAS

Chamam este seculo das luzes
Eu chamo o seculo das brigas
A epocha das ambições
O planeta das intrigas
Muitos cachorros num osso
Um pau com muitas formigas

Então depois da republica
Tudo nos causa terror
Cacete não faz estudo
Mas tem carta de doutor
A cartuxeira é a lei
O rifle governador

Tendo um bom pulso de braço
E bom cacete na mão
Mata um esfolo mil
E não dá satisfação
Diz logo a defeza eu trago
Na bainha do facão

As autoridades dizem
Elle até matou muitos
Devemos esquecer isso
Iratemos de outros assumptos
Faz-se corpo de dilito
Processa-se dos defuntos

E seu fulano matou
E ninguem bolle com elle
O páo de ferro furado
Tudo sabe o que tem nelle
Todos dizem o homem é bom
Mas tudo tem mêdo d'elle

Então esses 3 partidos
Que muitos chamam a liga
Eu acho-os tão desligados
Que nem sei o que lhe diga
São unidos como são
A gallinha com a formiga

Um amigo bota n'outro
O braço pelo pescoço
Se o camarada é pateta
Diz aquillo é um colosso
Elle abraçou-o procurando
Onde achava molle o osso

Dous amigos numa eleição
Como se entende esse nó
Um dos dous ha de ganhar
O outro fica no pó
Dous tatús machos não podem
Morar num boraco só

E' quando a velha amizade
Se transforma em nova intriga
O que perdeu pela lei
Vai ver se ganha por briga
Por isso diz o rifão
Isso é um páo com formiga

E' uma carniça exposta
Um não manda que outro a tome
Chegam muitos urubús
O mais gulozo é quem come
O que não for muito esperto
Vem vel-a e volta com fome

Seu fulano e seu sicrano
Pleitearam uma eleição
Fulano fez-se no páo
Teve grande votação
Sicrano corre com mêdo
Vai chorar na redacção

O governo diz não tenho
O que fazer com vossês
A cadeira é uma só
Querem botar n'ella trez
Quem apanhou e não deu
Deve apanhar outra vez

O governo diz eu digo
Como o antigo rifão
Eu sigo aquella doutrina
Da casa de pouco pão
Tudo de casa se queixa
Nem um delles tem razão

E o governo não pode
Conseguir uma melhora
Porque o povo é rebelde
Por qualquer cousa abre fora
Chove bala toda noite
Cacete então não tem hora

Da bala nós já sabemos
Qual é sua serventia
Quando espirra do rifle
Não promette garantia
O pau é um rapaz doudo
Não marca hora nem dia

O grande para obter
Do pequeno o sacrificio
Ageita o pobre diabo
Atira-o no principio
Disendo a elle o que faço
É tudo a seu beneficio

Ganha o rico a eleição
O pobre ganha a intriga
Sacrificou-se por elle
Elle nem sequer o liga
O pobre finda disendo
Isso é um pão com formiga

O soldado vai a guerra
Esponhe a vida a campanha
O general na barraca
Nem sequer sereno apanha
Não viu quem venceu a guarda
Mas a fama elle é quem ganha

E o soldado que fez
Uma tremenda batalha
Se houver sobra de latão
Inda dão-lhe uma medalha
Assim mesmoinda ha quem diga
Só se proteje canalha

E seu fulano ignora
Heroismo em que se encerra
Foi a campanha mas lá
Só foi paccar na terra
Nem sequer sabe contar
Os assidentes da guerra

Pergunte ao soldado raso
A um sargento a um aspençada
Pergunte ao cornêta mór
Ou mesmo a um cabo de esquadra
Quanto peza um tiróteio
De de noite a madrugada ?

Ninguém diz estou enfadado
Soldado alli não reclama
A balla vara-lhe o peito
E nem parece que inflamma
É esse o páo com formiga
Que a humanidade chama

Se fallo do seculo velho
Este novo inda é peor
O mal do velho era grande
O do novo inda é maior
Se se desmanchasse o mundo
Talvez ficasse melhor

Esse nosso velho mundo
Ninguém lhe entende o sistema
Tem mais reforma nas leis
Do que fita n'um cinema
E não vem uma reforma
Que o pobre nella não gema

O rico faz grande alarme
Pelo pouco que se deu
O pequeno sai calado
Disendo que não doeu
Deus irora longe daqui
Não viu o que aconteceu

Se o governo castigar
Seu fulano por que briga
Agrava a familia toda
Adiquere elle uma intriga
Outros dizem que o governo
Vê tudo porem não liga

Se elle der rasão ao bom
Tem por inimigo o máo
Ahi só pode dizer
Quem poder mais mêta o páo
Matraca não é rabéca
Gaita não e birimbáo

Ahi se eu fosse governo
Deixava tudo em mulambo
Quando achasse 2 pegados
Metia o cacête em ambos
Quando fallassem de mim
Ja tinham ficado bambos

Agente faz o que vê
Mete o pão e não se importa
O que levar mais cacête
Na pelle é quem menos corta
E' remédio para um doudo
Botando-se outro na porta

Isso está mais que provado
E' remédio poderoso
Um veneno mata outro
Assim seja mais forçoso
Faser-se dengo ao menino
Ponhe o menino manhoso

Conclusão de Riachão com Turbana

Riachão—D.^a Maria turbana
Eu não sirvo de brinquedo
E depois de cantar serio
Abalo qualquer rochedo
O sol me guarda de longe
A lua foge com mêdo

T—Nunca encontrei cantador
Que eu não achasse-o pequeno
Que não lavrasse-o a enchó
Não lhe tirasse o empeno
E não fisesse-o dormir
Um mez ou dous no sereno

R—Meu riacho quando enche
Vem de barreira a barreira
Cobre as motanhas visinhas
Alaga toda ribeira
Arrasta pedra nas aguas
Que forma uma cachoeira

T—tenho tapado riacho
Que quem chega em sua margem
Volta e diz a quem encontra
Aquelle não dá passagem
Eu tapo elle e não digo
Que foi grande essa vantagem

R—Se a collega dá licença
Direi em cinco minutos
Meu riacho como cria
Bichos feroses e brutos
Madeiras agigantadas
Animaes absolutos

T—Pois não ! o collega cante
Estou pronta para escutal-o
Um edificio moderno
Eu gosto de aprécial-o
Se houver um defeito nelle
Depois ver me desmanchal-os

R—Meu riacho principia
No centro do Amapá
Desce pelo o Amazonas
Vem fazer curva em Pará
Entra pelo Maranhão
Vem sahir no Ceará

Do Ceará elle segue
Passa pelo rio grande
Onde as aguas delle passam
Não ha quem não se debande
E perto das cachoeiras
Não ha animal que ande

Vai a Parahyba e sobe
A serra do araripe
Em Pernambuco fornesse
O rio de Jacuipe
Passa Alagôas e vai
A capital de Sergipe

Sóbe de Sergipe e passa
Na villa de Iarangeira
Passa Bahia e Victoria
Formando uma cõstaneira
Sai na provincia do rio
Na serra de mantequeira

Dahi do rio de Janeiro
Vai para Minas Geraes
Fornesse agua a S. Paulo
Em quantidade de mais
Dalli faz uma represa
Que vai até a Goyaz

Passa em S.^{ta} Catharina
Enchendo pôço por pôço
Quando entra em Paraná
La ja pairesse um colosso
Do rio Grande do Sul
Faz represa em Matto Grosso

De la segue em rumo ao norte
Sai em Senamadureira
Antes de chegar ao Acre
Forma grnde cachoeira
Ninguem sabe onde elle tem
Nem barra nem cabeceira

T—Collega gostei de ver
O curço de seu riacho
Não passou em Piauhy?
Ficava em sima ou embaixo?
Ou não sabe procural-o
Agora queendo eu acho

R—Não falei porque alli
Vou edificar um forte
Que assombre o povo do sul
Faço correr o do norte
Que depois se chamará
A fortaleza da morte

Os alicerses do forte
São feitos de rochura pura
Então as paredes tem
Trinta palmos de grossura
Tem uma abobada de marmore
Com 6 mil palmos de altura

Tem 15 portões de bronze
Formados com segurança
Por maior que seja a força
Empurra-os mas não balança
Cahindo dentro de um d'elles
E' cousa sem esperança

Faço 70 mil casas
Dentro da localidade
Boto guerreiros distintos
Pessoal de qualidade
Que repilla os inimigos
Havendo necessidade

As sentinellas de lá
São feitas por mil gigantes
Andam com cargas de polvora
Em dormedarios possantes
Tem cem cães de terra nova
Leões, urços e elephantes

Por engenheiros francezes
Foi feita a exploração
A Grecia deu instrutores
Para a escavacação
A planta foi bem acceita
Pelo chefe da nação

Para o lado desse forte
Não ha quem possa chegar
Se espanta vendo de longe
Um elephante roncar
O rujido dos leões
Um dos cachorros rosmar

Tem quarteis especiaes
Só para a cavallaria
Tem outro para a armada
Outro para a infantaria
De cada lado se vê
Mil peças de artileria

A muralha desse forte
Tem quinze leguas quadradas
O terreno é muito agricula
As terras bem cultivadas
La vê-se em qualquer lugar
Muitas fruteiras plantadas

Tem doze tribus de indios
Em armas se exercitando
Dez esquadras no riacho
De dia e noite rondando
Jacaré papo amarello
Por cima d'agua brincando

Tem vertentes formidaveis
E prisões apropriadas
Para cantadores ruins
E mulheres malcriadas
La chegando mulher bravia
Depois sai domesticada

Turbana—Senhor Riaxão é certo
Seu plano está bem formado
Porem seu riacho séca
Isso está muito provado
Esse forte em Piauhy
Não fica bem colocado

R—Em qualquer parte do mundo
Meu forte fica bem feito
Todos a olharem elle
Hão de guardar-lhe respeito
Do contrario eu grito fogo !
E levo tudo de eito

T—Senhor Riaxão p'raque
Esse forte em Piauhy ?
Para brigar com mosquito
Que é só o que tem alli ?
E gado dos chifres grandes
E abelha de jaty

R—A senhora não duvide
O serio de um homem assim
Eu tenho a testa de ferro
E as unhas de marfim
Nem cascavel de verêda
Não se atreve vir a mim

T—Eu ja tenho visto homens
Que diz que servem de moldes
Avançam que so cachorro
Bodejam mais do que bóde
Eu corto-lhe o cavanhac
Faço redeas dos bigodes

R—Turbana você não sabe
Eu como sou perigoso
Meu riacho tem mais força
Do que um rio candaloso
Dá enchente no verão
Que só num anno invérnoso

T—Se meu colega soubesse
Quanto pesa essa Turbana
Faz nevoeiro engrossar
E chover uma semana
Faz couza que impossivel
Alguem ver na raça humana

R—Dona Maria Turbana
E' tarde e eu vou embora
A mulher me espera em casa
E eu estou quase na hora
Ainda empalho 3 dias
E canto com a senhora

T—Collega eu tenho vontade
Fallo com toda franquesa
De cantarmos outro dia
Se eu tiver essa sertesa
Vou entupir-lhe o riacho
Derribo-lho a fortaleza

LEANDRO GOMES DE BARROS

Cartas do outro mundo para o Bento
de **BEBÉRIE**

O auctor reserva o direito de propriedade

Á venda na Rua do Alecrim 38—E e Rua Nova, 9

